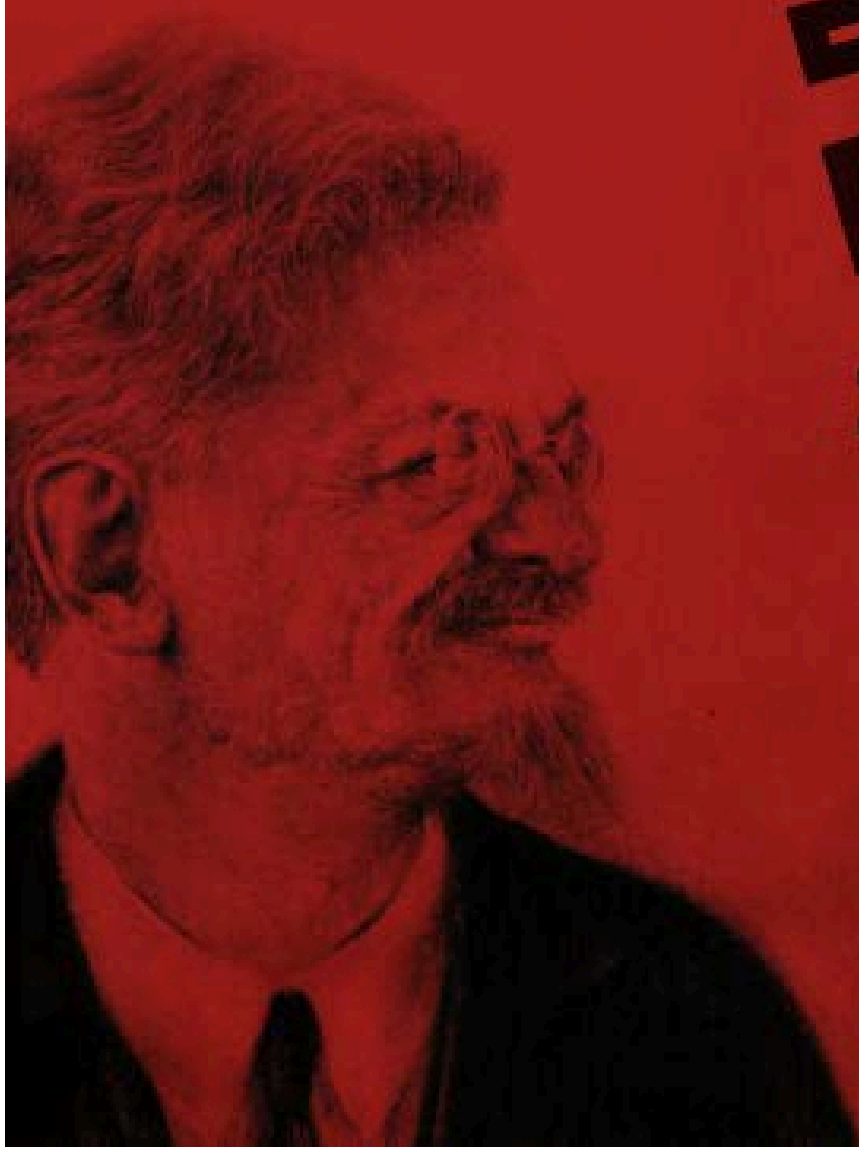


TROTSKI

EM PER
MANEN
2^a AB
CIA
AGOSTO
DE 2021



CADERNO DE RESUMOS DOS SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

PROGRAMAÇÃO GERAL

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
10 às 12h	ST 1	ST 3	ST 5	ST 7	ST 9
14 às 16h	ST 2	ST 4	ST 6	ST 8	ST10
19 às 21h	ABERTURA	MESA 1	MESA 2	MESA 3	---

ABERTURA	CONFERÊNCIA DA COMUNA À TROTSKY, com Antônio Rago Filho (PUC-SP)
MESA 1	TROTSKISMO HOJE, com: Diana Assunção (MRT) Luciana Genro (MES/PSOL) João Machado (Comuna/PSOL) Vera Lúcia (PSTU) <i>Mediação de Vinícius Souza</i>
MESA 2	STALINISMO E NEOSTALINISMO, com: Felipe Demier (Resistência/PSOL) Robério Paulino (PSOL) Sean Purdy (PSOL) <i>Mediação de Seiji Seron</i>
MESA 3	HISTÓRIA DO TROTSKISMO, com: José Castilho Marques Neto (historiador) Mercedes Petit (Izquierda Socialista/UIT-CI) Serge Goulart (Esquerda Marxista/PSOL) <i>Mediação de Marcio Lauria Monteiro</i>

AS TRANSMISSÕES SERÃO PELO NOSSO CANAL DE YOUTUBE:

<https://www.youtube.com/channel/UC3apvkGoWvdFA8EQtd0Eayw>

Simpósio Temático 1

Felipe Araujo Fernandes

Título: A fidelidade inabalável do artista a seu eu interior: Trotsky e a luta contra a burocratização

Resumo: Leon Trotsky foi um incansável combatente na luta pela liberdade e contra a colonização. O que não se limitou ao campo político, mas, inclusive, um dos seus “campos de batalhas” foi justamente na liberdade artística, militando contra a ideia de uma arte proletária, que se pretendia, supostamente, substituir uma tal arte burguesa. Em sua obra *Literatura e Revolução* (1924), o revolucionário apresenta o conjunto de premissas equivocadas, contrárias aos princípios do marxismo, e que tinham como resultado um processo de castração da liberdade humana, que se intensificaria com o stalinismo, e também no fascismo, utilizando a expressão artística como mero instrumento de propagação de ideias políticas, de forma panfletária, impositiva e engessada, mutilando a liberdade de criação e, portanto, ferindo a fidelidade do artista a seu eu interior, tão fundamental

Mariana Luppi Foster

Título: "The Iron Heel" de Jack London: profecia do fascismo

Resumo: Leon Trotsky, em 1937, afirma que o romance "The Iron Hell" (1907) de Jack London, apresenta uma previsão do desenvolvimento do fascismo. Na dissertação de mestrado de minha autoria ("The Iron Heel" de Jack London: consciência do presente e profecia do fascismo"), analiso o romance, buscando refletir sobre essa afirmação de Trotsky. A presente comunicação apresenta os resultados, que constam particularmente no terceiro capítulo da mencionada dissertação, das comparações entre o regime autoritário figurado por Jack London no romance, e a análise de Trotsky sobre o fenômeno do fascismo. Para isso, além dos textos de Trotsky, é usada como referência a síntese de Ernest Mandel sobre a teoria de Trotsky sobre o fascismo.

Michael Löwy

Título: Trotsky e André Breton (1938)

Resumo: Do encontro entre Trotsky e o poeta surrealista André Breton surgiu o Manifesto Por uma Arte Revolucionária Independente (1938), um dos grandes documentos da cultura emancipadora do século 20.

Sílvia Cezar Miskulin

Título: A publicação do manifesto “Por uma arte revolucionária independente” de Breton e Trotsky no suplemento Lunes de Revolución em Cuba.

Resumo: Lunes de Revolución, suplemento cultural do jornal Revolución (publicação do Movimento 26 de Julho) trouxe no seu terceiro número, em 1959, o manifesto “Por uma arte revolucionária independente”, de André Breton e León Trotsky. Este número de Lunes de Revolución foi muito significativo, pois seus editores, Guillermo Cabrera Infante e Pablo Armando Fernández, debateram sua concepção de Revolução e o engajamento dos intelectuais no processo cubano. Eles defenderam em editorial a ampla liberdade de expressão e criação, e criticaram enfaticamente o realismo socialista soviético. A edição do manifesto de Breton e Trotsky, inédito até aquele momento na ilha, também representou uma forma de mostrar a necessidade de engajar os intelectuais, escritores e artistas no processo revolucionário, mas sem abrir mão da defesa da liberdade de pensamento e manifestação cultural em Cuba.

Simpósio Temático 2

Carlos Prado

Título: Os trotskistas brasileiros e os debates sobre a IV Internacional em 1933

Resumo: O presente trabalho tem o objetivo de apresentar e analisar, a partir da documentação da I e da II Conferências da Liga Comunista, como os trotskistas brasileiros discutiram os temas acerca da fundação da IV Internacional. Esses debates ocorridos em 1933 marcaram um momento fundamental da Oposição de Esquerda Internacional (OEI), no qual os opositoristas brasileiros também contribuíram ao refletirem sobre o caráter de fração dos grupos opositoristas, sobre a caracterização da URSS e sobre a luta contra a burocracia stalinista. Entre 1930 e 1933, Trotsky acompanhou de perto os acontecimentos que abalavam a República de Weimar e publicou diversos artigos criticando a orientação sectária do Partido Comunista Alemão. Ele considerou que diante da ameaça nazista, a unidade entre os comunistas e os socialistas era a orientação correta para barrar o avanço de Hitler. Não obstante, diante da política ultra esquerdista que não ofereceu resistência, o Partido Nazista ampliou suas bases sociais e, em 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado Chanceler Alemão. A avalanche que enterrou o movimento operário alemão veio logo em seguida. Consolidada a vitória de Hitler, Trotsky, em 14 de março de 1933, publicou um artigo intitulado “A tragédia do proletariado alemão”, no qual destacou os inúmeros erros da direção stalinista e decretou a falência do PCA. Aos trabalhadores alemães se colocava a tarefa de construir um novo partido. Mas destacou que ainda não era o momento de se proclamar a derrocada da III Internacional. Todavia, a burocracia stalinista insistiu em afirmar que a política traçada havia sido correta. Com efeito, em 15 de julho, em outro artigo, intitulado “É necessário construir Partidos Comunistas e uma nova Internacional”, Trotsky defendeu a necessidade histórica de se preparar a fundação da IV Internacional. Essa posição foi reafirmada durante a I Conferência da OIE, na qual foi oficialmente proclamada a palavra de ordem pela construção da IV Internacional. Assim, ao longo de 1933, os opositoristas discutiram se ainda era possível permanecer como fração ou se era o momento de construir partidos independentes e trabalhar pela fundação de uma nova Internacional. Estes debates alcançaram os opositoristas brasileiros que realizaram duas conferências nacionais neste período, nas quais a polêmica sobre a construção de novos partidos, a caracterização da URSS e a fundação de uma nova Internacional estiveram no centro das discussões. Os militantes brasileiros da LC só conseguiram se reorganizarem após o fim da reação desencadeada pelo movimento constitucionalista de 1932. Programada inicialmente para abril de 1933, a I Conferência Nacional da LC aconteceu em São Paulo, de 6 a 10 de maio, ou seja, antes de Trotsky apontar a necessidade histórica de se construir novos PCs e uma nova Internacional. Felizmente, a documentação produzida pela conferência foi preservada e se encontra disponível no Arquivo da Unesp CEDEM. O corpo documental reúne não apenas o relatório final da conferência, mas também todas as atas das reuniões, registrando os comentários de todos os militantes, o que nos permite ter uma visão ampla sobre os debates e posicionamentos. A I Conferência Nacional da LC deu a chance aos opositoristas brasileiros discutirem os problemas que permeavam toda a organização da OIE. A questão em torno da independência da Liga e do rompimento com a burocracia stalinista era demasiado complexo e abarcava uma série de princípios e considerações sobre a URSS e a sua caracterização. Este debate colocou as duas principais lideranças da LC em campos opostos. Enquanto Aristides Lobo defendeu uma ruptura imediata com o PCR e com a IC, Pedrosa adotou uma orientação mais cautelosa. Diante do conflito, as resoluções apontaram soluções intermediárias, mas que mesmo sem abandonar a posição fracionista reforçaram a independência da LC. Em julho, dois meses após a realização da I Conferência, o debate sobre a construção da IV Internacional voltou ao centro da discussão. Em 1º de outubro a LC se reuniu em São Paulo para a II Conferência Nacional (Extraordinária). Durante as discussões, vários militantes

apresentaram pontos de vistas divergentes e, mais uma vez houve acalorada discussão, especialmente sobre a polêmica em torno da caracterização da URSS. Ao final dos debates alcançou-se um consenso e caracterizou-se a URSS como Estado Operário, apesar dos desvios burocráticos. É importante destacar que nesse momento, ainda não havia surgido o conceito de “Estado Operário (burocraticamente) degenerado”. As duas conferências nacionais organizadas pelos militantes da LC são momentos fundamentais para compreender o desenvolvimento do trotskismo brasileiro e os caminhos que levaram a fundação da IV Internacional no Brasil. Analisar e refletir sobre as discussões conceituais e práticas dessas conferências e suas repercussões políticas é a intenção do presente trabalho.

Henrique de Bem Lignani

Título: O Partido Socialista Revolucionário e a alternativa trotskista ao PCB e à "União Nacional" (1945-1947)

Resumo: O presente trabalho analisa a atuação do Partido Socialista Revolucionário (PSR), partido vinculado à tradição trotskista no Brasil, entre os anos de 1945 e 1947. Tal recorte temporal abarca um período específico da trajetória desse partido, em meio ao contexto de fim da ditadura varguista do Estado Novo (1937-1945) e de transição para o chamado “período democrático” (1946-1964). Nesse sentido, busco analisar algumas formulações programáticas do PSR e suas propostas para intervir na conjuntura em questão, inserindo-as em relação à realidade política no país, à estratégia desenvolvida pelo PCB no mesmo período e ao programa da IV Internacional. Para desenvolver essa análise, investigo sobretudo os textos divulgados nos periódicos editados pelo PSR naquele período, os jornais Luta Proletária e Orientação Socialista. A partir da análise desse material é possível identificar em que medida os trotskistas brasileiros, se ancorando no referencial do Programa de Transição de 1938, desenvolviam uma política crítica à conciliação de classes apregoada pelo PCB stalinista e sua linha de “União Nacional”. O PSR desenvolveu sua atuação entre 1939 e o início da década de 1950. Apesar do pequeno intervalo no qual se concentram suas atividades políticas, é possível dizer que o partido constituiu uma importante página da história dos movimentos de esquerda no Brasil, atuando em oposição tanto aos governos e ao regime burguês, como também ao PCB, principal direção do movimento operário no período. Contrasta com isso o fato de ainda existirem poucas pesquisas dedicadas a essa etapa do trotskismo no país. Tendo isso em consideração, o presente trabalho se volta para esse recorte temporal, tendo por objetivo contribuir para a realização de um resgate político e programático do trotskismo brasileiro naquele período de sua atuação. Por fim, compreende-se que a intervenção política, os debates e críticas formulados pelos militantes do PSR em seu período de atuação não contribuem apenas para o entendimento desse momento histórico da esquerda brasileira; trata-se também de um importante marco para a reflexão e a atuação dos socialistas revolucionários no presente.

Icaro Rossignoli

Título: Os trotskistas brasileiros e a "questão russa": debates com a esquerda brasileira do “período democrático” (1945-1948)

Resumo: A "questão russa" consiste das elaborações e polêmicas envolvendo a natureza da União Soviética e dos demais Estados criados por sua ocupação militar no pós-guerra. Tal tema figurou desde o início como elemento central para o movimento trotskista com relação à URSS e, depois da II Guerra Mundial, seguirá tendo importância chave na localização política dos quarta-internacionalistas. Esta comunicação abordará a visão dos trotskistas brasileiros do Partido Socialista Revolucionário (PSR) sobre essa questão no período da redemocratização brasileira após o fim do Estado Novo (1945) e no início do chamado “período democrático” da história brasileira (1945-1964). Tal período é fecundo de debates políticos e teóricos na sociedade brasileira, e foi o momento no qual a expansão soviética no Leste Europeu se consolidou, o que causaria intensas discussões entre a esquerda e no próprio interior do movimento trotskista. Analisaremos principalmente a argumentação dos trotskistas brasileiros presente no jornal Orientação Socialista, e sua abordagem crítica aos stalinistas do Partido Comunista do Brasil (PCB) e ao grupo do jornal Vanguarda Socialista

(parte da Esquerda Democrática). Este último era um grupo impulsionado por Mário Pedrosa e outros ex-membros do movimento trotskista brasileiro. Eles haviam rompido com a Quarta Internacional a partir de 1940, tendo como razão principal a recusa da posição de defesa da URSS na guerra, por não mais a considerarem um “Estado operário burocraticamente degenerado” (Trotsky). Assim, a comunicação tem a intenção de resgatar os debates dos trotskistas com outros setores da vanguarda da classe trabalhadora sobre um tema internacional crucial no qual eles acreditavam ter uma contribuição indispensável a dar.

Giovani Bertolazi Brazil

Título: Antecedentes e atuação da Oposição de Esquerda no Brasil (1930-1933)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo reconstruir a trajetória da primeira fração de oposição de esquerda no interior do PCB no início da década de 1930. Esse grupo alinhou-se às teses da Oposição Internacional de Esquerda liderada Leon Trotsky, que disputava os rumos da União Soviética e da Internacional Comunista (IC). O choque deu-se entre a proposta da teoria da revolução permanente de Trotsky e a do socialismo num só país, de Josef Stalin. A contenda teve reflexos internacionais, através do alinhamento da IC às posições de Stalin, que, por sua vez, influenciaram o PCB no Brasil. As cisões daí recorrentes vieram a constituir o primeiro núcleo de Oposição de Esquerda no Brasil. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e análise dos jornais das organizações trotskistas no período.

Simpósio Temático 3

Francisco Pereira Silva

Título: Trotskismo: o marxismo para a revolução proletária em nossa época

Resumo: Nossa comunicação tem como objetivo expor as razões pelas quais consideramos as posições fundamentais e o movimento inaugurado por Leon Trotski como o marxismo revolucionário e as bases necessárias à organização política da classe trabalhadora e da vanguarda da nossa época. Vivemos a fase imperialista do capitalismo, época de guerras, revoluções e contrarrevoluções, como diz Lênin. Nessa etapa não há lugar para a reforma estrutural do capitalismo. Ou avançamos em direção à revolução ou nos afundamos na barbárie social. O Trotskismo é a continuidade e o desenvolvimento das ideias e da tradição de Marx, Engels e Lênin. Preservou as bases teóricas, políticas e programáticas da revolução proletária, se credenciando como ferramenta teórico-política para a luta socialista na atualidade.

Tiago de Oliveira

Título: Trotskistas contra a Ditadura Militar: a história da Organização Comunista 1º de Maio (1970-1976)

Resumo: Trotskistas contra a Ditadura Militar: a história da Organização Comunista 1º de Maio (1970-1976) RESUMO A Organização Comunista 1º de Maio (OC1M) não surgiu a partir de uma ruptura com o Partido Operário Revolucionário (POR). Este, fundado em 1952, até 1968 foi a única organização política a reivindicar o trotskismo no Brasil, representando também a terceira geração desse movimento político. Ao contrário das rápidas menções a seu respeito nos estudos sobre a história da esquerda brasileira, a OC1M surgiu em 1970 a partir do desenvolvimento de um grupo político criado entre abril e maio de 1968, o Movimento Estudantil 1º de Maio (ME1M). A articulação que deu origem a esse grupo envolveu predominantemente estudantes paulistas da Universidade de São Paulo (USP). A crítica e não adesão às ações armadas – que predominou entre o conjunto das organizações de esquerda do período –, assim como seu rígido esquema de segurança, permitiram que a organização fosse preservada de maiores danos causados pela repressão. Assim, foi uma das poucas organizações que conseguiram atravessar os difíceis anos de intensa repressão da Ditadura Militar (1969-1973). Até 1976 desenvolveu uma atividade política (clandestina) contínua, ano em que ocorreu a unificação com a também trotskista Organização Marxista Brasileira (OMB), que deu origem a Organização Socialista Internacionalista (OSI). Entre 1968 a 1969 o ME1M buscou atuar no movimento estudantil, nas assembleias, passeatas e na greve de Osasco (1968). Conseguiu participar também, através dos integrantes que também trabalhavam, da oposição bancária Participação Ativa. A transformação político-organizativa do grupo foi determinada, em grande medida, pelo acirramento da repressão. Após o Ato Institucional Nº 5 (AI-5) em dezembro de 1968, as condições para a atuação política mais aberta, como era a característica do grupo, tornaram-se cada vez mais difíceis. Nesse período alguns integrantes são presos e partem para o exílio ou abandonam as atividades políticas. Quase extinto em 1969, essa experiência política ressurgiu em meados de 1970 e partir de novembro daquele ano passou a ser denominada de Organização Comunista 1º de Maio. A alteração no nome era a tradução do novo objetivo definido pelos integrantes, ir além da atuação estudantil, abarcando também trabalhadores e movimento operário, e contribuir para a criação do partido revolucionário do proletariado no Brasil. O objetivo do presente trabalho é expor e analisar o itinerário político da organização trotskista Organização Comunista 1º de Maio, do seu surgimento em 1970 até sua unificação com a OMB em 1976. O período delimitado abarca dois momentos políticos da Ditadura Militar (1964-1989), o da contrarrevolução terrorista, sob o governo do ditador

Médici (1969-1973) e o início da contrarrevolução democrática – comumente chamada de “transição democrática” – sob a “política de distensão” de seu sucessor, Geisel (1974-1978). Nosso referencial teórico-metodológico é o marxismo, para o qual os acontecimentos histórico-políticos resultam do conflito entre as classes sociais. Os partidos políticos (em seu sentido amplo) que tentam representar os interesses dessas classes, refletem, portanto, um conflito que ao mesmo tempo lhes é externo e confere sentido à própria existência dessas organizações. Ou seja, é como parte de um processo histórico concreto – marcado pelo conflito entre as classes e frações de classe – que o partido interioriza aquele conflito e constrói uma elaboração teórico-política que orienta sua prática de transformação social. Em outras palavras é na interação conflituosa entre os sujeitos sociais (a classe trabalhadora e a burguesia), mediados por seus sujeitos políticos coletivos (como os partidos), que os acontecimentos histórico-políticos podem ser compreendidos. Através da análise de fontes primárias – tais como documentos de discussão interna, boletins, panfletos, jornais etc – tentamos trazer à tona como esses trotskistas compreenderam o desenvolvimento da luta de classes naquele período e qual foi o projeto político que elaboraram. Argumentamos que para a OCIM as mudanças na dinâmica do regime militar, especialmente a partir de 1974, apontavam para a modificação na forma de dominação política da burguesia. A percepção sobre as tentativas de Geisel em conter, reprimir e controlar as mobilizações dos trabalhadores e estudantes através da institucionalidade da ditadura fundamentou a defesa que fizeram da luta independente dos trabalhadores pelas liberdades democráticas, contra o regime militar e pela revolução socialista. Palavras-chave: história do trotskismo; ditadura militar; transição política.

Mauro Vinicius de Souza Floriano

Título: A IV Internacional no Brasil e o governo Lula: os rachas da Democracia Socialista de um ponto de vista Internacional

Resumo: No presente trabalho buscarei apresentar uma parte da minha pesquisa de dissertação que procura estudar o processo de ruptura na Democracia Socialista (DS), então seção brasileira do Secretariado Unificado da IV Internacional, ocorrido durante o primeiro governo Lula. O foco do trabalho é dado aos debates que aconteceram a nível internacional entre o Bureau político da IV e a direção da DS, com uma posterior análise da relação entre a IV e as organizações oriundas do processo de racha. Ao procurar compreender o impacto do processo de adequação do Partido dos Trabalhadores à ordem nesse setor, apresentarei a caracterização que era feita na Internacional sobre o governo Lula, sobre a participação da DS no governo e sobre o processo de construção do PSOL.

Murilo Leal Pereira Neto

Título: Trotsky, Bonapartismo e populismo: visões do Brasil

Resumo: A apresentação propõe-se a confrontar alguns conceitos centrais empregados nas análises de Trotsky sobre processos sociais do século XX, (especificamente “bonapartismo sui generis”, “revolução permanente” e “desenvolvimento desigual e combinado”) aos fenômenos da industrialização brasileira no pós-guerra, da ampliação quantitativa e incorporação política do proletariado e da relação entre os governos do chamado populismo e a burguesia industrial paulista e seus representantes políticos. Busca-se argumentar que tais conceitos contribuem para articular uma interpretação da dinâmica socioeconômica e política brasileira no pós-guerra mais fecunda do que as análises matizadas nas teorias do subdesenvolvimento, do nacionalismo e nos modelos “etapistas” do stalinismo.

Simpósio Temático 4

Renato Fernandes

Título: Desenvolvimento desigual e combinado na Argentina: Milcíades Peña e a pseudoindustrialização nacional

Resumo: A lei do desenvolvimento desigual e combinado é uma das características fundamentais do pensamento de Leon Trotsky: a articulação entre os diversos níveis de desigualdade do desenvolvimento regional ou nacional é a chave explicativa, por exemplo, da revolução russa e da teoria da revolução permanente. Partindo dessa lei do processo histórico, o trotskista argentino Milcíades Peña (1933-1965) interpretou o desenvolvimento nacional argentino: desde a época da colonização até o período pós-peronista nos anos 1960. Em sua interpretação, o elemento central estava na combinação do desenvolvimento local com o desenvolvimento mundial: como, desde o processo de colonização espanhola, o progresso das forças produtivas nacionais esteve voltado para fora, para o mercado externo, principalmente europeu, em decorrência do mercado interno e local. Na presente comunicação, pretendemos apresentar um aspecto central dessa interpretação que está na chamada “nova fase do imperialismo” que se abriu a partir do ciclo de guerras mundiais e da crise de 1929 com o deslocamento de capitais produtivos dos países imperialistas para os países dependentes e da passagem do domínio direto (colônias) para o domínio indireto (semicolônias). Esse processo vai produzir, em alguns países importantes da América Latina, como o Brasil, o México, o Chile e a Argentina, um importante desenvolvimento industrial. Na Argentina, país central que Peña analisou, o processo de industrialização teve uma particularidade, principalmente no pós-guerra: um governo nacionalista, o do General Juan Domingo Perón, que levou setores importantes da esquerda argentina, incluindo alguns que se reivindicavam do trotskismo, a acreditar que o desenvolvimento industrial impulsionado pelo peronismo se fazia em nome do anti-imperialismo e da soberania nacional. Milcíades Peña polemizará com esses setores considerando duas determinações centrais do processo de desenvolvimento nacional. A primeira determinação era sobre as características da burguesia argentina e da sua dependência com o setor agrário: a classe dominante nasceu como uma extensão dos latifundiários que hegemonizaram a construção do Estado nacional no século XIX. A industrialização foi realizada em articulação com o setor agrário, criando laços de dependência, e também com o maciço investimento do capital estrangeiro, principalmente estadunidense. Dessa forma, não existia uma burguesia industrial argentina no sentido das classes dominantes inglesa, estadunidense ou francesa do século XIX que lutou para conquistar a hegemonia estatal e o desenvolvimento nacional em torno aos seus interesses industriais. Em sua *Historia del Pueblo Argentino* (obra póstuma) e em diversos artigos publicados em revistas, sendo o mais famoso *Rasgos biográficos de la famosa burguesía industrial argentina* (1957), Peña estudou esses aspectos da classe dominante argentina em polêmica com o campo da esquerda nacionalista e comunista. Por outro lado, uma segunda determinação importante, era sobre que tipo de industrialização ocorreu na Argentina. Nos anos 1950, a Argentina não era mais um país rural, mas urbano e industrial, porém a industrialização tinha percorrido as mesmas etapas dos países imperialistas? Para responder a essa questão, Peña estudou as diversas características da indústria nacional para determinar que o processo de industrialização, ao invés de constituir na construção da soberania nacional, aumentou a dependência da Argentina em relação aos países imperialistas – retomando as teses de Trotsky de que quanto mais se fortalece as burguesias dependentes, mais elas estão submetidas ao imperialismo. Em diferentes textos publicados na revista *Estrategia* (1957-1958) e na revista *Fichas de Investigación Económica y Social* (1963-1966), Peña analisou o processo de industrialização, o desenvolvimento dos diferentes setores, os tipos de investimentos, entre outros fatores que caracterizaram o que chamou de pseudoindustrialização: uma industrialização que é típica do desenvolvimento desigual e combinado, pois gera indústria de ponta com alta tecnologia nos países semicoloniais num mar de

atraso de pequenas indústrias com maquinário atrasado e baixa produtividade – um bosque no meio de uma floresta. Essa pseudoindustrialização gerou uma industrialização dependente do capital imperialista e subordinou cada vez mais a burguesia nacional à burguesia imperialista. Esse processo de pseudoindustrialização identificado por Peña tem diversos efeitos sociais que são importantes para os países semicoloniais e que o autor analisou: o papel do Estado nacional na economia desses países é particular, tendo uma autonomia e uma bonapartização característica para garantir esse desenvolvimento nacional; o problema do campo e da concentração fundiária assume um papel específico para a manutenção do atraso e para o desenvolvimento industrial; as características da revolução permanente e do papel do proletariado no desenvolvimento industrial e nacional assumem formas específicas; o nacionalismo tem limites específicos nesses países dado essas características estruturais – o exemplo do peronismo e da Revolución Libertadora de 1955 demonstram, para Peña, esses limites; entre outras determinações. A comunicação é parte do resultado da tese de doutorado que analisou o desenvolvimento combinado e a questão nacional na Argentina na obra de Milcíades Peña a partir de uma história política do pensamento político.

Seiji Seron Miyakawa

Título: As influências de Trotski sobre o dependentismo

Resumo: A lei do desenvolvimento desigual e combinado influenciou decisivamente o pensamento social brasileiro, influência esta que é pouco admitida até hoje. Uma das vertentes deste pensamento na qual é mais perceptível tal influência é a teoria da dependência. Esta surge, na década de 1960, a partir das críticas aos limites da estratégia de industrialização concebida pela CEPAL e ao etapismo dos PC's stalinistas, e é, por isto, comumente associada às teses de Trotski sobre a impossibilidade de as burguesias dos países economicamente atrasados realizarem uma revolução de caráter nacional-democrático e anti-imperialista. As comparações de Mantega e Chilcote entre o trotskismo e o dependentismo incorrem, entretanto, em alguns equívocos de interpretação dessas teses.

Vinicius Almeida Ribeiro de Miranda

Título: Desenvolvimento desigual e combinado: de Marx a Trotsky

Resumo: O objetivo desta comunicação é apresentar como o conceito formulado por León Trotsky denominado lei do desenvolvimento desigual e combinado é compatível com o pensamento de Karl Marx e de importantes autores marxistas, como Lênin e Lukács. A lei do desenvolvimento desigual e combinado é uma contribuição muito importante para compreender como o capitalismo se desenvolveu e nos ajuda a questionar uma leitura evolucionista e mecanicista dentro do campo marxista. Também é nosso objetivo estabelecer umnexo entre o pensamento entre os autores debatidos, encontrando nestes pensadores um sentido que compreende que o materialismo dialético pressupõe uma análise profundamente histórica e, portanto, sem fórmulas prontas e acabadas para compreender a realidade.

Sándor John

Título: Debates on Bolivia and Permanent Revolution in the International Trotskyist Movement

Resumo: For the international Trotskyist movement, Bolivia has been a vital testing ground for what Trotsky's theory and program of permanent revolution mean in practice. Debates on the issues posed by the Bolivian experience are among the most important, but least widely known and studied, in the history of Trotskyism. Today, serious study of these debates and issues – and the sometimes surprising facts involved – has crucial implications for those who seek to understand what permanent revolution means in the present-day world. Uneven and combined development was starkly expressed in Bolivia, South America's poorest and most indigenous country, pushed into the world market first through silver for capitalism's primitive accumulation and then through tin for its wars. Subordinated to Anglo-North American imperialism, the weak Bolivian bourgeoisie, centered on the "tin barons" and their "Rosca" regime, had its bankruptcy written in blood in the Chaco War (1932-35). Its nature was shown repeatedly in the mine massacres that ensured that "democratic (i.e. low) prices" for Bolivian tin would do their part for the nation's "democratic" imperialist overlords in World War

Two. Perhaps nowhere else in the hemisphere was it this clear how absurd it was to imagine that the “national” bourgeoisie would fulfill the tasks of freeing the nation from imperialist subjugation or its indigenous peasant majority from landlordism and racist oppression. Facing this bankrupt bourgeoisie that lived from its role as an instrument of imperialist subjection, in Bolivia there emerged, from the Quechua and Aymara peasantry, the most combative proletariat of the Western hemisphere. The idea that this largely indigenous proletariat would lead the poor peasantry and all the oppressed in a revolutionary onslaught on the old order seemed to find new expression with the “cachorros” (dynamite blasts) of every workers strike and the “pututu” horn calls of each peasant revolt. For those drawn to the Trotskyist vision, the perspective of permanent revolution was clearly on the agenda. If “war is the mother of revolution,” that was the case in Bolivia as well. Defeat in the Chaco led to emergence of Bolivian Trotskyism (embodied mainly in the Partido Obrero Revolucionario) in 1935, as well as a Stalinist party and the Movimiento Nacionalista Revolucionario. Bolivian Trotskyism’s particular reflection of concepts of permanent revolution was embodied in the Thesis of Pulacayo, which became the central programmatic document of the workers movement. In 1946, its adoption by the miners union led to significant debates in Bolivia and internationally. Yet, for the world Trotskyist movement, it was the “National Revolution” of 1952 that sharpened the question of what the theory of permanent revolution meant in Bolivia, and, by implication, other semicolonial and colonial countries. The mining proletariat played a decisive role in the actual overthrow of the Rosca in April 1952. But it was the MNR – a bourgeois party organically counterposed to proletarian class politics – that was placed in power. Given a role of “co-government” in the new regime, the labor leadership headed by Juan Lechín (leader of the Central Obrera Boliviana formed on the Trotskyists’ initiative) was part of this bourgeois-nationalist party. Yet continuing a years-long pattern, Lechín et al. relied in large part on a staff of speech-writers and advisors from the Bolivian Trotskyist movement, which in turn backed the “MNR left.” Thus in the 1950s, debates in the international Trotskyist movement on Bolivia and permanent revolution centered largely on the nature of relations between the POR, the MNR as a whole and its “left” wing headed by Lechín. Soon enough, facing sharpening class struggles, the army reconstructed by the MNR regime, with Yankee dollars, weapons and advisors, took over power in 1964. With Bolivia subjected to a new cycle of military rule, in the late 1960s world Trotskyism faced a new round of intense debate on Bolivia and permanent revolution. The country became a focal point of attempts – by Che Guevara’ and others – to replicate the guerrilla warfare strategy of the Cuban Revolution. Then, in 1970-71, controversies on Bolivia in the international Trotskyist movement erupted anew regarding the role of the organizations of Bolivian Trotskyism during and after the “left”-nationalist government of General J.J. Torres, most prominently in the Asamblea Popular and the Frente Revolucionario Anti-imperialista. 1952 (the National revolution), 1967 (when Che Guevara was murdered) and 1971 (when yet another period of bloody military repression was launched by the U.S.-backed coup of General Hugo Banzer) – these are key dates for these debates. However, if there is time, I would also like to touch, however briefly, on the events of 1985, when thousands of miners occupied La Paz to the cry of “Obreros al poder,” and 2019, when U.S.-aligned rightists overthrew the government of Evo Morales. In both cases the issues of permanent revolution were posed yet again for those around the world seeking to put into practice Trotsky’s program of permanent revolution.

Mariano Schlez

Título: Trotsky en América Latina: el concepto de desarrollo desigual y combinado en el debate sobre los modos de producción

Resumo: La cuestión de los modos de producción en América Latina representa un proceso de debate permanente que, desde fines del siglo XIX, se desarrolla tanto en ámbitos estrictamente políticos, como político-académicos. En este sentido, en las décadas de 1960 y 1970, el debate atravesó uno de sus momentos más álgidos, que llevaron a una serie de conclusiones en torno a las características de las sociedades americanas, en las que no predominaría ningún modo de producción, sino un conjunto de “unidades productivas atípicas”, debido a que se trataba de “casos particulares irreductibles a formas generales” y concluyendo en la caracterización de “formación social no consolidada”, que dio

lugar a la imposición del concepto de “sistema de la economía colonial”. Nuestra conferencia se dedicará a explicar los fundamentos políticos de esta conclusión científica a partir del análisis del derrotero del concepto de desarrollo desigual y combinado, planteado por León Trotsky, primero, y por la Oposición de Izquierda y las corrientes trotskistas, después, a lo largo de América Latina. Describiremos en qué medida esta posición fue acallada bajo la doble presión de la persecución política y el establecimiento del debate en términos de “etapas”, de acuerdo a la teoría del “socialismo en un solo país”, defendida por Stalin y Bujarin en la URSS, y adoptada por la mayoría de las variantes de la izquierda en América Latina. Es decir que, desde el gran debate de la transición al socialismo en la URSS, de la década de 1920, describiremos la evolución de las tesis, manifiestos, ensayos e investigaciones de militantes e intelectuales trotskistas que, utilizando el concepto de desarrollo desigual y combinado, buscaron dilucidar el carácter de América Latina y explicar la necesidad de la estrategia de la revolución permanente y los Estados Unidos Socialistas de América Latina, enfrentando al etapismo estalinista. De esta manera, presentaremos sintéticamente las, muchas veces divergentes entre sí, caracterizaciones históricas del trotskismo latinoamericano, atendiendo particularmente a los aportes de Tristán Marof, José Carlos Mariátegui, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Antonio Gallo, Liborio Justo, CLR James, George Novack, Diego Rivera, Guillermo Lora, Nahuel Moreno, Jorge Abelardo Ramos, Jan Bazant, Manuel Agustín Aguirre, Marcelo Segall, Luis Vitale, Silvio Frondizi, Milcíades Peña, Mario Roberto Santucho, Adolfo Gilly, Alberto Pla, Michael Löwy, Pablo Rieznik y Osvaldo Coggiola. La hipótesis de nuestro trabajo es que las conclusiones empíricas del debate confirman la teoría del desarrollo desigual y combinado para la historia latinoamericana, aunque ello no fue reconocido en términos académicos debido a los resultados de la lucha política en el siglo XX.

Simpósio Temático 5

Gisele Cardoso Costa

Título: A educação desigual e combinada no capitalismo dependente latino-americano

Resumo: A presente comunicação tem por temática a educação escolar como uma tarefa democrática não cumprida pela ordem capitalista na América Latina. Seu objetivo central é apresentar como, historicamente, a particularidade do padrão de reprodução do capital nos países latino-americanos, sob a condição de dependência, condicionou os avanços e o atraso da educação básica, mesmo nas economias mais industrializadas do subcontinente, como é o caso da economia brasileira e mexicana. Para tanto, assumimos a contribuição trotskista – a lei do desenvolvimento desigual e combinada – como método científico, político e teórico para compreender a educação latino-americana, para além de sua aparência fenomênica.

Sergio Chaparro Arenas

Título: León Trotsky y sus críticos: tecnología, ciencias y planeta

Resumo: A raíz de la restauración capitalista (Hernández, 2009), la crítica al marxismo de Trotsky ha buscado refutar y minar sus concepciones sobre política, ética y ligazón con la lucha de clases de los trabajadores (Guseinov, 2013). Recientemente, debido al recrudecimiento de la crisis de la civilización capitalista y problemas tales como: el cambio climático, la pérdida de biodiversidad y ecosistemas, pandemias, etcétera, han surgido nuevas críticas a Trotsky en el ámbito de la ecología que vale la pena su abordaje crítico. La ponencia presenta las razones de los críticos de Trotsky y rastrea tres corrientes: la verde socioliberal (Irvine, 2009), la ecosocialista (Tanuro, 2010, Foster, 2017) y la neoludita (Josephson, 2010). Al final, se da una contra-respuesta marxista a esta polémica actual.

Vinícius Azevedo

Título: Trotsky e as tarefas da educação comunista

Resumo: É sabido que León Trotsky (1879-1940) não fora um teórico da educação e tampouco inaugurou uma nova teoria pedagógica. Essas são incumbências que o próprio pensador jamais quis empreender. Da mesma forma, é notável que o pensamento e as disputas em torno do legado de Trotsky e de seus escritos ultrapassa o tempo histórico que o pensador e revolucionário ucraniano viveu. Alimentando-se do embate político e das ideias radicais, o pensamento de Leon Trotsky preservou a riqueza da tradição marxista no que é justamente uma de suas forças motrizes: a polêmica. Nessa perspectiva, este trabalho busca examinar o texto Tarefas da educação comunista, de autoria desse importante intelectual marxista para que se possa lançar mão de suas bases e teses sobre a educação e a intrínseca relação com a cultura e a formação de uma nova sociedade. Com a intenção de subsidiar o debate em torno da educação como elemento primordial para se pensar tanto a tomada do poder pelas classes subalternas quanto a própria construção do socialismo, é em Trotsky que encontramos as polêmicas em torno da nova era inaugurada após o triunfo revolucionário de outubro de 1917 e vitória bolchevique na Guerra Civil (1917-1922). Para tanto, buscamos na fonte de seu pensamento educacional elementos que se relacionam ou discutam de alguma forma a tarefa educacional como uma das bases para a edificação do socialismo na Rússia pós-1917. Nas Tarefas da educação comunista, o autor nos apresenta, mesmo que de forma breve, não somente um índice de encargos ou incumbências a fim de fornecer subsídio aos revolucionários, mas sim questões norteadoras para reflexão coletiva. A custosa franqueza combina-se com o radical otimismo, na convicção que finalmente a massa de trabalhadores e camponeses – ao inaugurar uma nova era do desenvolvimento histórico nunca antes visto –, conquistara o passaporte definitivo da História. É de se pontuar que as circunstâncias históricas de junho de 1923 diferem, e muito, do nosso atual contexto.

No entanto, não se trata de parodiar cenários anteriores com a intenção de replica-los no tempo vigente, sob os mesmos diagnósticos e verificações, mas de estabelecer um diálogo com questões que atravessam o presente e que são capazes de iluminar ângulos ainda turvos.

Virginia Guitzel

Título: Representatividade e ideologia de gênero: uma crítica marxista à repressão LGBT na crise neoliberal

Resumo: O artigo se propõe a fazer um resgate histórico do papel do binarismo de gênero e da repressão sexual como instrumentos de exploração e divisão da classe trabalhadora no sistema capitalista e particularmente longa relação entre marxismo e a luta pela libertação sexual e de gênero, recuperando as ideias comunistas originárias de Marx e Engels à respeito da família e da sua relação profunda com a propriedade privada e o Estado. Resgaste este que sirva não apenas para a constatação da opressão, mas de aportar para os processos de luta de classes no mundo através da enorme experiência dos fortes questionamentos surgidos na década de 60 e 70 e abafados pela orientação stalinista, que negligenciava estas reivindicações e atuou abertamente contra na Rússia, recriminalizando a homossexualidade e destruindo as bases materiais que visavam acabar com o trabalho doméstico. Frente a crise do neoliberalismo que explode internacionalmente e ganhou contornos profundos com o retorno da luta de classes no Chile e ainda mais na França, pode-se reatualizar os paradigmas da revolução sexual, que diferentemente da década de 60, 70 e 80, não estão marcados absolutamente pela marginalização e pelo estigma da promiscuidade e do atrelamento político entre a diversidade sexual e a epidemia da AIDS. Mas essencialmente na contradição de uma mercantilização do sexo, da sexualidade, do prazer e das identidades sem precedentes chocando-se com a fugacidade da vida, as extenuantes jornadas de trabalho e pela restrição cada vez maior do tempo que impede com que toda essa "publicização" da sexualidade seja potencialmente vivida pela humanidade. Os efeitos do neoliberalismo, que desenvolveu um discurso multicultural convivendo harmoniosamente com o desenvolvimento da extrema direita e de importantes ataques econômicos como a Reforma trabalhista e Previdenciária no Brasil colocam em prova antigas ideias de que se poderia alcançar gradualmente estas reivindicações ou que se trataria de um caminho exclusivamente cultural para se combater a discriminação e a subjugação das identidades e sexualidades não normativas. Desenvolvido os novos dilemas e paradigmas, busca-se encontrar as pontes de apoio no passado e nas experiências da luta de classes atual para desenvolver uma contribuição militante pela unidade dos ativistas LGBTQ+, a comunidade trans e do feminismo socialista à classe trabalhadora, compreendendo que a repressão sexual como um retrato da dominação e da mercantilização das vidas e dos corpos do conjunto da humanidade.

Sandra Maria Marinho Siqueira

Título: As contribuições de Trotsky na luta revolucionária contra a opressão das mulheres

Resumo: Essa comunicação pretende partilhar as contribuições do grande revolucionário Leon Trotsky, dirigente da Revolução Russa de 1917, para a luta contra a opressão da mulher, com base em seus escritos, extraídos de obras como História da Revolução Russa, Questões do modo de vida, A Revolução traída e Programa de transição. Ao passo que denunciou os retrocessos promovidos pelo stalinismo nas conquistas da Revolução Russa no âmbito dos direitos das mulheres, nas esferas da vida social, política e cultural, Trotsky estabeleceu as bases para a materialização de um programa revolucionário dirigido à superação da exploração e de todas as formas de opressões, reconhecendo a importância da luta das mulheres em articulação com o movimento operário.

Simpósio Temático 6

Gonzalo Rojas

Título: O parlamentarismo revolucionário chega a Chile. O caso do Partido de Trabajadores Revolucionarios em Antofagasta

Resumo: O Parlamentarismo revolucionário é uma tática política no marco de uma estratégia revolucionária. Em termos históricos surge na segunda дума russa na época de Lenin, continua com Liebknecht na Alemanha e nos quatro primeiros Congressos da Internacional Comunista sendo retomada pelo trotskismo e o Partido de Trabajadores Socialistas da Argentina, integrante da Frente de Izquierda y de los Trabajadores – Unidad. O Caso do PTS na Argentina foi estudado por Shimenny Wanderley durante seu Mestrado. Continuando este trabalho foca no caso chileno, onde nas eleições de maio de 2021 o Partido de Trabajadores Revolucionário escolhe uma vereadora na comuna mineira de Antofagasta, Natalia Sanchez, médica e organizadora das Brigadas de auxílio do Comitê de Emergência e Resguardo durante a rebelião.

Martin Mangiantini

Título: El trotskismo en la Argentina. Análisis de una sub-cultura política dentro del campo de las izquierdas

Resumo: El presente trabajo aborda la trayectoria teórica, conceptual y práctica de una corriente política que formó parte del amplio abanico de las izquierdas en la Argentina, específicamente dentro del campo ideológico del trotskismo, entre los años 1965 y 1976. A lo largo de este período de convulsión social, radicalización ideológica e incipiente crisis orgánica, esta expresión partidaria se manifestó a través de tres organizaciones consecutivas: el Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT) desde su fundación en 1965 hasta su ruptura, el Partido Revolucionario de los Trabajadores – La Verdad (PRT – LV) entre 1968 y 1972 y, finalmente, el Partido Socialista de los Trabajadores (PST) desde su conformación hasta los inicios de la dictadura cívico-militar acaecida en 1976. Dado que un rasgo de este período recayó en la existencia de una proliferación de organizaciones autodefinidas como revolucionarias, a la vez críticas de los tradicionales partidos Socialista y Comunista, resulta de interés preguntarse sobre la existencia de aquellas características específicas del trotskismo argentino en perspectiva comparativa con las restantes propuestas también presentes. Se sostiene que el ideario de esta corriente desembocó, finalmente, en aspectos identitarios distinguibles dentro del amplio abanico de las izquierdas dando como resultado la gestación de una sub-cultura política que, sin ser hegemónica, imbricó con diversos núcleos de la militancia del período tales como el movimiento obrero y las diversas esferas de una radicalizada juventud. Los posicionamientos críticos alrededor de la lucha armada como estrategia revolucionaria; el carácter insurreccionalista de la perspectiva revolucionaria con la ponderación del proletariado como sujeto social por excelencia; la perspectiva de una construcción de tipo internacionalista; los diversos intentos de vinculación con la mayoritaria identidad peronista de la clase obrera argentina; los debates contra el abstencionismo electoral y la temprana incorporación de un ideario favorable a la liberación de la mujer y al respeto por la disidencia sexual fueron algunos de los tópicos a abordar que dieron forma a esta identidad militante. Ello, a su vez, redundó en una conclusión a desarrollar. Resulta válido preguntarse si la experiencia de esta corriente en los convulsionados sesentas y setentas, a partir de los sendos rasgos identitarios descriptos, no significó un quiebre para forjar la implantación del trotskismo dentro del movimiento social argentino con una mayor consistencia que en los marginales tiempos preexistentes y dar comienzo a un derrotero que hallaría continuidad y profundidad en las décadas posteriores dando lugar a una subcultura militante dentro del amplio arco de las izquierdas arraigada en la política Argentina.

Pablo Heller

Título: La vigencia del trotskismo en Argentina y en América Latina. Un aporte desde el Partido Obrero (Argentina)

Resumo: A 80 años del asesinato de Trotsky, perdura la vigencia de la lucha por terminar con la explotación del hombre por el hombre en esta época de crisis mundial, bancarrota capitalista e intensificación de la lucha de clases. En este sentido, el rescate de su legado teórico como herramienta para la lucha revolucionaria del presente, incluye el camino hacia la elaboración de la teoría de la revolución permanente; la lucha hacia el interior del partido bolchevique – comunista, incluyendo el gran debate sobre la vigencia del internacionalismo proletario o el socialismo en un solo país; la lucha política dentro la Oposición de Izquierda dentro y fuera de la URSS, luego de la muerte de Lenin; los debates en la Internacional Comunista en torno a la revolución en Europa y Asia, y su proscripción durante el 5to Congreso; la elaboración crítica sobre la burocratización del estado soviético y su casta dirigente; la lucha política, teórica y programática que permitirá la puesta en pie de la Cuarta Internacional, la redacción del Programa de Transición, el anticipo sobre la devastación de una nueva guerra mundial; entre otros. No se trató, no obstante, de una mera disputa por espacios de influencia hacia el interior del movimiento comunista. El punto ineludible de la elaboración de la estrategia revolucionaria de León Trotsky ha sido la caracterización de la declinación o decadencia del capitalismo. Este elemento engarza a Trotsky en la línea revolucionaria y en la tradición del socialismo científico de Marx y Engels, y de Lenin y Rosa Luxemburgo. El estadio actual de la humanidad confirma los pronósticos de León Trotsky. La declinación irreversible del capitalismo es la base histórica de la revolución social. No se trata de un fenómeno parcial, sino de un emergente universal, determinado por el carácter del imperialismo como régimen de transición. El escenario de guerras crecientes es inseparable de la bancarrota capitalista y de la crisis mundial del 2007-2008. La devastadora pandemia producida por el coronavirus ha sido el detonante de una nueva ola de reacomodamientos y choques económicos, pero también políticos, entre las clases sociales. Una crisis mundial significa que el régimen social dominante ha entrado en un impasse completo, en una contradicción violenta entre las fuerzas productivas desarrolladas por ese mismo régimen y las relaciones de producción dominantes. La bancarrota capitalista ha golpeado de lleno a América Latina. Esto es consecuencia directa de la caída de los precios de las materias primas; de la recesión y del freno del comercio mundial, agravado por las guerras económicas entre EEUU y la Unión Europea y China; del encarecimiento del crédito y las fugas de capitales hacia las metrópolis imperialistas; del peso agobiante de las deudas externas, que constituyen un mecanismo de opresión nacional y confiscación popular. La pandemia del coronavirus ha puesto al rojo vivo la incompatibilidad que existe entre una organización social basada en el lucro capitalista y las necesidades sociales, la salud y la vida de los trabajadores y de la población, lo cual coloca dramáticamente a la orden del día la necesidad de una reorganización integral de la sociedad sobre nuevas bases sociales, a escala continental y planetaria. Sin embargo, la derrota de las políticas capitalistas es inseparable del problema de la lucha por la construcción de partidos revolucionarios en América Latina y en el mundo, que luchen por el establecimiento de gobiernos obreros y federaciones socialistas, en la tradición marxista de Lenin y Trotsky. En el sub continente, no obstante, la izquierda que reivindica formalmente este legado ha oscilado entre la disolución tras variantes burguesas y la reclusión en el mero propagandismo. Frente a esto, el Partido Obrero de Argentina, integrante del Frente de Izquierda –Unidad y promotor del sindicalismo combativo y clasista, ha realizado importantes llamamientos a establecer un hilo conductor entre el actual proceso de movilización –que asoma en toda Latinoamérica- y las rebeliones populares que se han manifestado el año pasado. Bajo la reivindicación del Frente Único propuesto por León Trotsky, arraigado en una fuerte política de independencia de clase, el Partido Obrero considera que es necesario unir y movilizar todas las energías de la clase obrera y de las mayorías nacionales para enfrentar la plaga del coronavirus y la plaga de la crisis capitalista; y que los trabajadores son quienes debe conducir esta lucha que define los futuros nacionales y del continente. Siguiendo los lineamientos programáticos de León Trotsky, brega por la recuperación de las centrales sindicales, la ruptura con el colaboracionismo de clase y la defensa de los trabajadores sin subordinación ni a los gobiernos capitalistas ni a las patronales. El impulso común de los partidos de izquierda y las

organizaciones obreras, retomando la bandera de la Cuarta Internacional, es la pre condición para salvar física y moralmente a las masas trabajadoras e impulsar una salida a la catástrofe en ciernes.

Isabella Duarte Pinto Meucci

Título: A Revolução Cubana e o movimento trotskista na América Latina (1959-1974)

Resumo: No primeiro dia de janeiro de 1959, a Revolução Cubana inaugurou um novo período para a história da América Latina. Os jovens guerrilheiros de Sierra Maestra tomaram o poder na pequena ilha do Caribe, situada a menos de 150 quilômetros dos Estados Unidos. A extensão da ilha era inversamente proporcional à importância do que acontecera em seu território. Desde a derrubada de Fulgêncio Batista, a Revolução Cubana esteve presente no horizonte do pensamento político da esquerda latino-americana e mundial, modificando-se ao longo do tempo, mas nunca dando lugar a unanimidades. A Revolução Cubana constituiu também uma mudança capital no pensamento marxista latino-americano, representando uma guinada teórica, e principalmente prática. Além de demonstrar que era possível enfrentar o imperialismo, a revolução também rompeu com padrões clássicos de luta centrados nos partidos revolucionários. Isso se deve ao fato desse acontecimento ter subvertido a problemática tradicional estabelecida na América Latina pela corrente stalinista, até então hegemônica, modificando a forma como a revolução era interpretada e reivindicada pelos partidos comunistas de todo o continente. É nesse sentido que a conquista cubana representou um questionamento, principalmente daquelas interpretações que seguiam um modelo de revolução baseado em etapas, abrindo caminho para que análises marginalizadas no pensamento político marxista pudessem encontrar respaldo, como é o caso do movimento trotskista. Tendo em vista esse novo momento aberto pela Revolução Cubana no continente, buscaremos compreender as influências e contribuições desse episódio para o pensamento político marxista latino-americano, especialmente para o caso do movimento trotskista. Para tanto, analisaremos as duas organizações atuantes na América Latina, que reuniam os partidos trotskistas do continente nos anos 1960: o Bureau Latino Americano da Quarta Internacional (BLA), liderado por Juan Posadas, e o Secretariado Latino-Americano do Trotskismo Ortodoxo (SLATO), liderado por Nahuel Moreno. Para os partidos trotskistas reunidos nessas organizações, muito mais do que certezas, a tomada do poder em Cuba havia trazido dúvidas. O que havia acontecido na ilha era uma revolução socialista? Uma revolução poderia acontecer sem um partido revolucionário? A transição para o socialismo só poderia acontecer pela luta armada? Qual foi o papel da classe operária nesse processo? Qual era a importância do campesinato? A guerrilha poderia ser entendida como estratégia para a tomada do poder em outros países do continente? A necessidade de compreender a realidade para transformá-la se fazia ainda mais urgente para aquelas parcelas da esquerda que haviam rompido com a posição hegemônica dos partidos comunistas e viam nesse momento uma oportunidade de disputa de um projeto político, como era o caso das organizações trotskistas. Para nortear a execução desse artigo foram levantados alguns objetivos. O primeiro deles é compreender como se deram as relações e a influência da Revolução Cubana sobre as organizações trotskistas latino-americanas, particularmente sobre suas interpretações teóricas e sua atuação prática diante desse novo problema colocado para a esquerda marxista do continente. Nesse sentido, entender de que maneira essas organizações elaboraram respostas às questões suscitadas pela vitória dos revolucionários. Considerando que essas organizações são parte de um movimento internacional, buscaremos analisar como assimilaram algumas das interpretações do processo revolucionário cubano feitas por esse movimento, ao mesmo tempo em que influenciaram o debate com suas próprias contribuições. Por fim, um último objetivo está relacionado ao exame das diferenças entre as interpretações das duas organizações, BLA e SLATO, e das mudanças sofridas por essas ao longo do tempo, questionando quais acontecimentos teriam levado a essas diferenciações. Parte-se da principal hipótese, com base na leitura da bibliografia pertinente e na consulta das fontes primárias, de que esse debate acerca da Revolução Cubana se deu, no movimento trotskista, em três momentos que se entrecruzaram: o das confirmações, o das inovações e o das reavaliações. O primeiro momento, a confirmação, indica que o êxito cubano teria possibilitado a verificação de parte das teses trotskistas, principalmente no tocante à luta contra o imperialismo e às divergências com o modelo de revolução por etapas dos

partidos comunistas. O segundo momento, a inovação, estava associado à necessidade de priorizar métodos de luta e sujeitos políticos que antes da Revolução Cubana não eram vistos com tanto destaque, além de reconsiderar algumas análises acerca da dinâmica da revolução mundial e latino-americana. Foi nesse contexto que a guerra de guerrilhas surgiu como alternativa à ação direta das massas, o movimento guerrilheiro no lugar do partido, a ação voltada para o campo e não para a cidade, e os atores revolucionários como os camponeses ao invés dos trabalhadores fabris. Somente em um terceiro momento, o de reavaliação, foi que certas considerações acerca do caráter da revolução foram repensadas, especialmente com o desenrolar de modificações no processo revolucionário cubano. A guerra de guerrilhas passou a significar um problema e não uma solução, ao mesmo tempo em que as greves nas cidades indicavam novamente para onde deveriam estar voltadas as forças daqueles que queriam modificar suas realidades.

João Batista Aragão Neto

Título: A Revolução Permanente na América Latina

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir as questões das alianças e frentes políticas do ponto de vista marxista, em razão da importância para a luta de classes no Brasil e na América Latina, onde preponderam países atrasados e semicoloniais, gozando apenas de uma independência formal em relação ao imperialismo mundial. Este estudo nos levou a resumir essas diversas alianças e frentes em apenas duas concepções fundamentais, ou seja, a da frente popular e a da frente única operária, camponesa e estudantil. A frente popular, ou frente populista, é uma frente de conciliação de classes, constituindo-se numa política etapista e menchevique, enquanto a frente operária, camponesa e estudantil é a frente revolucionária possível nos países atrasados como o Brasil, no sentido da emancipação do proletariado. II- Frente Popular Frente Popular, Bloco das Quatro Classes e Frente única anti-imperialista são denominações diferentes do mesmo fenômeno político, isto é, das alianças e frentes de conciliação de classes, as frentes populares, teorizadas por Georg Dimitrov, na década de 30 do Século passado. Essas frentes de colaboração de classes subordinam a estratégia da classe operária e da maioria oprimida nacional (campesinato e juventude estudantil) aos interesses da burguesia, no sentido de canalizar as lutas para dentro do parlamento burguês para as mesmas serem amortecidas e controladas. Tivemos o peronismo que governou várias vezes a Argentina, sem que tenha proporcionado aos trabalhadores uma perspectiva de emancipação, pelo contrário, o peronismo é uma tendência do nacionalismo burguês que semeia ilusões nos trabalhadores com a democracia burguesa (que mesmo nos países mais democráticos e avançados, não deixa de ser a ditadura do capital). Os trabalhadores não podem em nenhum momento misturar suas bandeiras, suas palavras de ordem, com as do nacionalismo burguês (ainda que tenham de empreender ações comuns, lutas com o mesmo, mas específicas e temporárias – golpear juntos, mas caminhar separados). A experiência brasileira é semelhante. Historicamente no Brasil, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922, quase sempre adotou a política de colaboração de classes (com exceção da política ultra-esquerdista do “terceiro período”, em 1935). Posteriormente, o Partido dos Trabalhadores, embora tenha surgido com uma tendência à independência política de classe, passou também a adotar uma política de conciliação de classes, chegando até ao poder, por meio de eleições, numa Frente Popular, liderada por Lula, do PT e José Alencar, do PL, e depois outra, liderada por Dilma Rousseff e Michel Temer, do PMDB. Outra experiência bastante significativa foi a do proletariado boliviano na Revolução boliviana de 1952, liderada pelo Partido Obrero Revolucionário (POR), o qual adotou uma política de frente popular e menchevique, abandonando as famosas Teses de Pulcaio de 1946, que permitiram o fortalecimento da Central Obrera Boliviana (COB). O POR terminou apoiando a ala esquerda do Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), o que permitiu a reconstrução do Exército e a derrota da Revolução. Todavia, a experiência mais importante e vitoriosa foi a de Cuba, porque ocorreu a hipótese pouco provável que Trotsky prognosticara no Programa de Transição: “É possível a criação de tal governo pelas organizações operárias tradicionais? A experiência anterior mostra-nos, como já vimos, que isto é, pelo menos, pouco provável. É, entretanto, impossível negar categórica e antecipadamente a possibilidade teórica de que, sob a influência de uma combinação de circunstâncias excepcionais (guerra, derrota, quebra financeira, ofensiva revolucionária das massas

etc.), os partidos pequeno-burgueses, incluídos aí os stalinistas, possam ir mais longe do que queriam no caminho da ruptura com a burguesia. Em todo caso, uma coisa está fora de dúvida: se mesmo esta variante pouco provável se realizasse um dia em algum lugar, e um "Governo operário e camponês", no sentido acima indicado, se estabelecesse de fato, ele somente representaria um curto episódio em direção à ditadura do proletariado." Stéphane Just, analisou a Revolução Cubana e concluiu que: "As massas derrubaram Batista (...) Lançada arbitrariamente pelo Movimento 26 de Julho, a palavra de ordem de greve chocou-se com a oposição e a sabotagem do partido stalinista. (...) O exército de Batista era incapaz de travar o menor combate sério. Mas o exército é um reflexo da sociedade. Sua decomposição traduz o apodrecimento desta.(...)" "Uma revolução proletária Eis aí o início clássico de uma revolução proletária. A dissolução do exército e da polícia sanciona uma situação de fato.(...)" O Movimento 26 de Julho, os operários, os camponeses e estudantes acabaram rompendo, no curso da revolução, com a política de frente popular, e formaram uma frente única operário, camponesa e estudantil, realizando as tarefas democráticas, expulsando o imperialismo, realizando a reforma e revolução agrária e expropriando a burguesia, na perspectiva de construir o Socialismo.

Simpósio Temático 7

Emiliano Monge

Título: El Trotskismo durante la segunda guerra mundial, La Resistencia y la lucha por el poder (1939-1945)

Resumo: La historia de la II guerra mundial en Francia ha tomado a la Resistencia como central. Muchos en la extrema izquierda han caracterizado la lucha en la Resistencia como un asunto de la burguesía. Sin embargo, la IV Internacional liderada por Trotsky, impulsó lo que debía desarrollarse en un programa de intervención en la guerra. Intentaremos dar una caracterización de las posiciones programáticas de aquellas organizaciones trotskistas que retomaron el internacionalismo proletario, la confraternización con los soldados alemanes en uniforme. Los trotskistas intervinieron divididos (PCI, POI, Lutte de Classes, grupo Octubre), y la unidad en 1944 no resolvió las diferencias programáticas. No se trata de poner de manifiesto los “límites” de las crisis revolucionarias o del crecimiento del estalinismo sino dilucidar si los planteos de los trotskistas o los de Trotsky estaban equivocados.

Marcelo Novello

Título: El trotskismo en la Revolución Portuguesa 1974/75

Resumo: Para entender el Trotskismo Hoy quizás sea necesario también echar luz y discutir sobre sus distintas tendencias al calor del implacable laboratorio de la lucha de clases. En este sentido la Revolución Portuguesa de 1974/75 fue una arena más que propicia para que la izquierda en general, y el trotskismo en particular, probaran sus programas políticos. Y los problemas de orientación que acecharon al trotskismo de postguerra se manifestaron en Portugal. En 1974, una “inesperada” revolución obrera (industrial y campesina) en la metrópolis combinada con la lucha armada de los movimientos de liberación nacional africanos derrumbó en pocos meses no solo al régimen fascista-colonialista de casi 50 años en Portugal sino también a su “natural” recambio imperialista personificado en el general António Spínola, quien recibiera el poder de manos de la pequeña-burguesía agrupada en el Movimento das Forças Armadas (MFA). Esta revolución obrera puso en jaque a todo el aparato del Estado incluyendo sus FF.AA., exigió la remoción y cárcel de los personeros del salazarismo (saneamientos) no sólo en la administración pública sino también en las empresas, y cuestionó de raíz las relaciones de producción (toma de empresas, auto-gestión, comissões de moradores, ocupaciones de tierras en Alentejo, etc). Con impetuosa energía las masas desoyeron los reiterados llamamientos al “orden y calma” derrotando, en las barricadas y en confraternización con los soldados, sendos intentos contrarrevolucionarios de Spínola: primero la movilización de la llamada Maioría Silenciosa, y luego el ataque aéreo al regimiento RAL-1. Pero si los aún polémicos acontecimientos del 25 de Noviembre 1975 hubiesen finalmente desatado una guerra civil en Portugal, acaso hubiéramos visto en trincheras enfrentadas a organizaciones que se reclamaban del trotskismo? Lamentablemente el tema no ha sido tratado en todas sus aristas (o ha sido directamente omitido) en obras que acaso debieran haberlo hecho: en la monumental International Trotskyism 1929-1985 (Robert J. Alexander), en Combats et débats de la IVe Internationale (Francois Moreau), en la biografía de Ernest Mandel escrita por Jan Willem Stutje, en la compilación The two Trotskyisms confront Stalinism (editada por Sean Matgamna), en los 7 volúmenes de Trotskyism versus Revisionism – A documentary history (Cliff Slaughter), en la autobiografía de Daniel Bensaid (An impatient life), en Le trotskisme une histoire sans fard (Michel Lequenne), en Le trotskysme et les trotskystes (Jean Jacques Marie), en De Trotsky á Laguiller (Daniel Coquema), en 100 Years of Permanent Revolution (Bill Dunn & Hugo Radice) o en Trotskyism (Alex Callinicos). Lamentablemente la Revolución Portuguesa también quedó fuera del período histórico abordado por prestigiosas revistas tales como Revolutionary History (Al Richardson), Cahiers Leon Trotsky (Pierre Broué) y Cahiers du mouvement ouvrier (Jean-Jacques Marie). A nuestro entender, el tema solo aparece en el tomo II de Barry Sheppard “The Socialist

Workers Party 1960-1988” donde en el Capítulo Nueve se le dedica apenas 12 páginas. La omisión es de lamentar, aun siendo que la historia del trotskismo ofrece muchísimos puntos de polémica y ruptura: comenzando por el Adónde va Pablo? de Bleibtreu-Favre en 1951 como respuesta al entrismo sui generis adoptado por la dirección oficial de la IV Internacional (Michel Raptis) que terminó en el cisma de 1953; y siguiendo por procesos políticos tales como Yugoslavia y la ruptura Tito-Stalin; el rol del POR en la revolución de 1952 en Bolivia; la lucha en Argelia entre el FLN y el MNA (y el rol de Michel Pablo como asesor del presidente Ben Bella); la caracterización de la revolución cubana y la estrategia del foquismo; el ingreso del LSSP a un gobierno frente-populista en Sri Lanka (1964); la revolución sandinista nicaragüense y la Brigada Simón Bolívar; la invasión de la Camboya de Pol-Pot por Vietnam (1979); el gobierno de la Union de la Gauche en Francia (1981); la perestroika en la URSS; etc. Durante la Revolución Portuguesa el SU de la IV Internacional estuvo representado por la Liga Comunista Internacionalista - LCI (que respondía al sector Mandel) y también por el Partido Revolucionário dos Trabalhadores - PRT (alineado con Nahuel Moreno). Alineados con la corriente internacional trotskista de la OCI francesa (Pierre Lambert) estaban cuadros como Carmelinda Pereira y António Aires Rodrigues, quienes hacían entrismo en el Partido Socialista portugués. Finalmente, la tendencia inglesa de Tony Cliff (International Socialists) también intentó incidir en los acontecimientos mediante su relación –a veces tormentosa– con el Partido Revolucionario do Proletariado/Brigadas Revolucionarias liderado por Carlos Antunes e Isabel do Carmo. En esta ponencia repasaremos entonces los principales hechos ocurridos durante la así llamada “Revolución de los Claveles” y analizaremos qué rol jugaron las diversas fuerzas de izquierda: en especial las trotskistas, pero también las diversas organizaciones maoístas y las organizaciones de masas como el Partido Comunista Portugués y el Partido Socialista.

Roberto Borges Lisboa

Título: Origens e intervenção política da Oposição de Esquerda Estadunidense

Resumo: O presente trabalho objetiva evidenciar os antecedentes do trotskismo estadunidense na década de 1920 e problematizar a intervenção política da Oposição de Esquerda entre 1928 e 1934. Em síntese, se quer evidenciar como as lutas interiores do Partido Comunista dos Estados Unidos da América possibilitaram a formação da Oposição de Esquerda, no contexto do VI Congresso Mundial da Internacional Comunista e às vésperas do crash da bolsa de Nova York e da catástrofe econômica que atingiu a classe trabalhadora estadunidense. A seguir, procura-se interrogar a intervenção política opositora, a partir do jornal The Militant e dos avanços e recuos organizacionais relacionados às tentativas de ampliar a sua construção política e a política fracionária em relação ao Partido Comunista.

Rafael Santos

Título: Trotskismo y estalinismo en la revolución vietnamita de 1945

Resumo: La revolución vietnamita de 1945 tuvo particularidades que la destacan en la ola revolucionaria de la segunda posguerra y por lo que debería ser más conocida y estudiada entre quienes se reclaman continuadores de la IV Internacional y del trotskismo. A diferencia de lo ocurrido en Europa, donde el ejército rojo y los partidos comunistas fueron protagonistas indiscutidos de la ola revolucionaria que acompañó la derrota del Eje, en Vietnam tuvimos un cuadro completamente distinto. La derrota de Japón abrió un escenario de crisis revolucionaria que encontró al stalinismo favoreciendo la recomposición del dominio colonial francés, fiel a la orientación fijada por Moscú de respetar lo acordado en Yalta. El trotskismo vietnamita, por el contrario, tuvo una intervención independiente y revolucionaria en estos acontecimientos, con un protagonismo que no se repitió en otras partes del mundo. Es que el trotskismo vietnamita era una corriente que se había desarrollada fuertemente durante la década del 30. Mientras el stalinismo oscilaba entre el tercer período, el Frente popular, la alianza con Hitler y luego con las potencia aliadas, el trotskismo se logró enraizar en el proletariado y el pueblo vietnamita. Su participación en la ola revolucionaria de 1945 está ampliamente documentada y es pertinente señalar su inserción en el proletariado de la Cochinchina, cuya capital, Saigón, era la región más industrial del país. Su participación contrasta con la

colaboración del stalinismo con el desembarco de tropas inglesas por el sur que preparaban la vuelta del colonialismo francés y con los nacionalistas chinos del Kuo ming tang que lo hicieron desde el norte. El stalinismo, liderado por Ho Chi Minh, que había proclamado el 2 de setiembre desde Hanoi, en el norte, la república democrática de Vietnam -en alianza con grupos nacionalistas y terratenientes-, su opuso a la rebelión que se produjo ante el desembarco inglés y por el contrario sus fuerzas en Saigón colaboraron en la represión de la rebelión. En este contexto, los dirigentes y militantes trotskistas fueron liquidados por sicarios stalinistas, complementando la represión imperialista. Como había ocurrido en España en 1937, los grupos de tareas stalinistas asesinaron a los luchadores que planteaban un rumbo consecuente al proceso revolucionario. En un breve repaso, el superviviente Ngô Văn Xuyét los compara con los “Juicios de Moscú”. Los dirigentes obreros e intelectuales más reconocidos fueron pasados por las armas. Hacia noviembre, la comuna obrera de Hòn Gai fue disuelta por las tropas del Việt Minh, que arrestó a los delegados obreros y restableció el orden policial. Lê Ngọc y Nguyễn Văn Ky, líderes de la LCI, fueron torturados hasta la muerte a comienzos de 1946. Seis años más tarde, la promesa de “aniquilar políticamente al trotskismo” que había efectuado Hồ Chí Minh en las cartas de 1939 al Comintern, luego de ser derrotado en las elecciones municipales de Saigón, había dejado atrás la lucha política para transformarse en el aniquilamiento físico. El asesinato del líder de La Lutte, Tạ Thu Thâu fue emblemático. Recién liberado del campo de concentración japonés, estaba reorganizando el trabajo político cuando fue arrestado en Quảng Ngãi. Su popularidad era tan grande que fue absuelto en tres oportunidades por los tribunales populares, hasta que fue fusilado por orden del jefe del Việt Minh. En 1946, al ser interpelado en París, Hồ Chí Minh respondió: "Thâu fue un gran patriota y debemos llorarlo, pero todos los que no sigan la línea que he trazado serán descartados". También importa y mucho el impacto que esto tuvo en las filas de la IV Internacional. Mientras que entre 1946 y 1947, a pesar de la escasez de información, diversos medios trotskistas denunciaban la política criminal del stalinismo, el congreso de 1948 aprobó una resolución sobre “La lucha de los pueblos coloniales y la revolución mundial” que igualaba los procesos revolucionarios de Vietnam con los de Indonesia. Esto era un blanqueo del rol contrarrevolucionario jugado por el stalinismo y un ocultamiento del protagonismo del trotskismo. Esta resolución fue previa al desbarraque pablista, aunque ya lo anticipa. La historia sobre la revolución vietnamita, en general, ha silenciado, tanto el papel llevado adelante por las organizaciones trotskistas como el rol contrarrevolucionario de Hồ Chí Minh. La historia de la IV Internacional del dirigente del Secretariado Unificado (SU) Pierre Frank (1968), no tiene una palabra sobre la revolución vietnamita (tampoco sobre la revolución boliviana de 1952). Dos revoluciones donde los trotskistas tuvieron el mayor protagonismo, con partidos enraizados en las masas obreras. Si en los ‘40 y ‘50 hubo seguidismo al stalinismo, en las décadas del ‘60 y ‘70 el SU abrazó abiertamente la causa del foquismo. Hồ Chí Minh era una figura emblemática y en las marchas del SU se coreaba su nombre.

Simpósio Temático 8

Wanderson Fabio de Melo

Título: Trotsky e a questão nacional

Resumo: O objetivo da presente será discutir as reflexões sobre o tema da questão nacional na práxis de Leon Trotsky. A matéria da questão nacional perpassa a obra do revolucionário, reflexões emergidas nas lutas de classes de seu tempo, mas que portam elementos atuais a nossa quadra histórica. Pretende-se recuperar os elementos da questão nacional expostos na história da revolução russa, na guerra imperialista contra o país dos soviets, na revolução chinesa de 1926-27, na questão catalã durante a revolução espanhola, na luta anti-imperialista dos povos coloniais e semicoloniais antes da Segunda Grande Guerra. Busca-se perceber as polêmicas sobre a questão nacional no pensamento de Trotsky. As fontes da reflexão são os seus escritos.

Carlos Eduardo Rebello de Mendonça

Título: O Jovem Trotsky e a Questão Nacional nos Balcãs

Resumo: A experiência de Trotsky como correspondente de guerra de um jornal ucraniano durante as duas Guerras Balcânicas de 1912-1913 oferece-lhe a oportunidade de discutir as relações entre o movimento socialista e a questão nacional. A princípio aceitando a caracterização da guerra balcânica como uma guerra de libertação nacional contra o Império Otomano em decadência, ele percebe gradualmente a reafirmação das opressões nacionais nas regiões balcânicas supostamente libertadas pela Sérvia e Bulgária, descobrindo no Estado Nacional - precisamente na medida em que este se baseia sob uma noção de cidadania suposta universal - uma hierarquia de dominação estabelecida a partir do acesso à cultura e à língua supostamente nacionais, ideia esta que ele desenvolverá mais tarde num capítulo da "História da Revolução Russa". Política de classe e política de nacionalidades surgem, assim, na obra madura de Trotsky, como partes de um mesmo todo.

Matheus de Carvalho Barros

Título: Leon Trotsky e a ascensão do nazifascismo

Resumo: A discussão em torno do tema do fascismo retoma a sua atualidade quando observamos a ascensão de movimentos e partidos de extrema-direita em diversas partes do mundo. Diante deste cenário global, se é verdade que, a história do fascismo é ao mesmo tempo a história de sua teoria, uma elaboração teórica sistemática do fenômeno do fascismo era e continua sendo uma pré-condição para uma prática antifascista efetiva. Desse modo, faz-se necessário recuperar a contribuição de Leon Trotsky sobre o surgimento e a ascensão do “Nazifascismo”. No exílio, isolado em uma ilha turca, o revolucionário russo escreveu uma sequência de textos sobre a ascensão do nazismo na Alemanha que, como estudos concretos de uma conjuntura política, são de uma qualidade sem par no conjunto do materialismo histórico. A análise de Leon Trotsky sobre a ascensão do Nacional-Socialismo – e do fascismo em geral - destaca-se na literatura marxista da década de 1930 como uma das tentativas mais coerentes de descrever e prever as consequências desse fenômeno para o movimento dos trabalhadores. Embora de modo algum o único, ou mesmo o primeiro escritor no campo do marxismo a produzir uma definição precisa sobre o fenômeno do fascismo, sem dúvidas é verdade que Trotsky percebeu mais claramente que muitos dos seus contemporâneos as dinâmicas e contradições que permitiram que o partido liderado por Hitler chegasse ao poder. Desta forma, tendo em vista a discussão sobre o caráter dos movimentos de extrema-direita que surgem em diferentes países e o debate sobre o conceito de fascismo, o objetivo do presente artigo é recuperar a contribuição de Leon Trotsky sobre o fenômeno fascista, mais especificamente a suas análises sobre a ascensão do nazismo na Alemanha, escritas entre 1930-1933 e publicadas recentemente no Brasil pela editora Autonomia Literária na coletânea intitulada Como esmagar o Fascismo.

Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior

Título: Algumas notas sobre as contribuições do pensamento de Leon Trotsky para a organização do movimento sindical no Brasil

Resumo: Com o objetivo de refletir sobre as contribuições do pensamento de Leon Trotsky para pensar sobre os desafios e dificuldades que o movimento sindical brasileiro enfrenta nesse Século XXI, esse artigo resgata algumas elaborações presentes nos textos História da Revolução Russa, O Programa de Transição para a Revolução Socialista e aqueles organizados em livro pela KAIRÓS Livraria e Editora denominado Escritos sobre Sindicatos. O artigo aborda centralmente alguns aspectos referentes aos impactos da reestruturação produtiva para a organização do movimento sindical combinada com a ofensiva da ideologia neoliberal na sociedade brasileira; relacionando com as reflexões sobre as possibilidades e limites de uma organização sindical e sua relação com o Estado que é influenciada pelo capitalismo monopolista.

Gabriel Nascimento Santos

Título: As lutas anticoloniais do século XX: entre o desigual e o combinado

Resumo: A teoria da revolução combinada e ininterrupta, ou seja, da revolução permanente, se realiza a partir de uma análise da totalidade do mercado mundial. Assim buscamos apontar como as lutas anticoloniais confirmam a lei desenvolvida por Trotsky e trazem novas questões para serem resolvidas na atualidade.

Simpósio Temático 9

Santiago Marimondo

Título: A fórmula trinitária em Clausewitz e Trotsky

Resumo: A partir de um estudo da grande obra do general prussiano Carl Von Clausewitz e do artigo de Trotsky 'Classe, partido e direção', escrito no contexto do balanço da derrota na rev. espanhola, busco relacionar a tríade clausewitana (ódio elementar, representado pela população, o jogo da chance e azar, representada pelo exército e a racionalidade, representada pelo estado) com a tríade proposta por Trotsky entre classe, partido e direção.

André Camillo Bof

Título: A estratégia soviética e as palavras de ordem democráticas na segunda revolução chinesa

Resumo: Em 1928, Trotsky, a essa altura já expulso desde 1927 do Partido Comunista (PC) da URSS, abre o debate de estratégias sobre a experiência da chamada segunda revolução chinesa, trazendo à luz a discussão acerca da caracterização da burguesia dos países coloniais, a inter-relação entre as classes atuantes, o caráter de classe do processo revolucionário chinês, bem como os erros estratégicos e táticos levados a frente pelo bloco Stalin-Bukharin, então hegemônico na condução da política da 3ª Internacional. Tal debate se encontra, em grande parte, na compilação de artigos, cartas e folhetos, presentes no livro chamado, em edição brasileira, “Stalin, O grande organizador de derrotas - A 3ª Internacional depois de Lênin”. Os acontecimentos, suas consequências e as lições estratégicas da segunda revolução chinesa são abordados como parte da crítica geral que Trotsky faz ao projeto de programa da Internacional Comunista (IC), apresentado algumas semanas antes do sexto congresso da IC. Tal crítica se foca tanto nos pontos programáticos presentes no projeto, como, principalmente, nas experiências concretas da luta de classes dos anos anteriores, as quais deixavam evidentes os equívocos de análise e consideração pelo bloco burocrático à frente do aparato da IC e do PC da URSS. As experiências históricas de “zigzags”, entre o oportunismo e aventureirismo, da burocracia, evidenciados pela derrota da revolução alemã em 1923, graças a capitulação dos comunistas alemães aos socialdemocratas de esquerda; pela traição do chamado “Comitê anglo-russo”, em 1926, com a adaptação insistente dos comunistas ao bloco oportunista com os liberais trabalhistas do chamado “Conselho Geral” que, por fim, traíram, no momento de progressão do movimento revolucionário, as greves mineiras e a greve geral inglesa; e, finalmente, pela sequência de derrotas da segunda revolução chinesa, de 1925 a 1927, promovidas pela orientação, em todos os aspectos, menchevique da IC, de submeter os comunistas e operários chineses, organizativa e politicamente, ao Kuomintang, o partido da burguesia “nacionalista”, minando a independência e atando as mãos do proletariado chinês, constituem o cerne da reflexão estratégica exposta por Trotsky. Deste conjunto, nos focaremos no problema estratégico enfrentado pelos revolucionários na China abordando, também, a experiência bolchevique, tal como apresentada por Lênin e Trotsky, sobre a relação das bandeiras democráticas e a busca pela constituição de um poder dos trabalhadores.

Jan Norden

Título: Trotskismo revolucionario vs. gramscismo: el choque programático

Resumo: Desde hace algunas décadas, se evidencia una popularidad omnímoda en la izquierda internacional del pensamiento de Antonio Gramsci. Grupos y partidarios de corrientes estalinistas, socialdemócratas y hasta algunos que se identifican con el trotskismo, reivindican por igual la figura y el legado del dirigente comunista italiano. En la academia, conceptos gramscianos han sido adoptado en diversas disciplinas (educación, historia, sociología, economía política) incluso por sectores nada radicales. En muchos casos, particularmente entre quienes se reclaman del trotskismo, se pretende unir los contenidos de las distintas tradiciones, o al menos de tratarlos como complementarios. Sin embargo, al nivel programático hay hondas contradicciones entre el trotskismo revolucionario y el cuerpo de concepciones gramscianas. Aunque no se puede hablar de una doctrina

gramsciana, debido a la heterogeneidad de su obra, conceptos clave acuñados por él como la lucha por la hegemonía y por cohesionar bloques hegemónicos, priorizar una guerra de posiciones en Occidente en lugar de la guerra de movimiento o ataque frontal propugnada por los bolcheviques, han sido utilizados (con acierto) para fundamentar una práctica electorera que se mantiene dentro del marco burgués, contraria a la política trotskista, o sea, bolchevique-leninista. La antítesis no se limita al campo teórico. En las ocupaciones de fábrica de 1920 en Italia, la política de Gramsci, que ha sido resumida como “molecular desbaratamiento” de la administración burguesa y “construcción capilar” de un supuesto poder dual, concordó en los hechos con la parálisis de los demás centristas “maximalistas” del Partido Socialista Italiano, que se caracterizaron por “un lenguaje escarlata, a lo que responde la eterna espera del momento adecuado, y su constante postergación” (Paulo Spriano). Esa política, que en la práctica significó encerrarse en los talleres en vez de preparar la insurrección que estaba al orden del día, fue responsable de la derrota de las luchas obreras del biennio rosso italiano y del consecuente aislamiento de la joven república soviética, con su secuela nefasta. En Italia, el triunfo del fascismo dos años más tarde fue el castigo de la historia por no haber tomado el poder en el momento propicio. Asimismo, fue Gramsci el pivote de la falsa “bolchevización” del Partido Comunista Italiano bajo la égida de Zinóviev, sustituyendo al internacionalismo revolucionario de Lenin y Trotsky con el nacionalismo burocrático de Stalin, con profundas consecuencias internacionales. La lucha por el trotskismo revolucionario exige un juicio histórico de la contrapuesta herencia gramsciana.

João Gabriel Loures Tury

Título: A teoria da "nova classe média" em Leon Trotsky

Resumo: Os debates no interior do marxismo sobre o tema da “nova classe média” iniciaram-se na Alemanha na virada do século XIX-XX. O conceito descrevia o conjunto dos assalariados que não eram operários fabris, como, por exemplo, empregados do escritório, professores, assalariados técnicos, empregados do comércio, funcionários públicos, jornalistas, advogados, médicos, etc. No decorrer da primeira metade do século XX, os partidos marxistas revolucionários se apropriaram do conceito de “nova classe média” para explicar esta camada de assalariados que se diferenciavam social e politicamente do proletariado fabril. Esta apropriação foi realizada de distintas formas, mas todas elas opostas à teoria de estabilização do capitalismo proposta por Bernstein. E, entre as diversas apropriações, houveram dois principais prognósticos sobre a dinâmica da “nova classe média” e sua caracterização. O primeiro prognóstico foi realizado em 1921, no 3º Congresso da Internacional Comunista. Nas Teses sobre a situação mundial e as táticas da Internacional, escritas por Trotsky e aprovadas no Congresso, é desenvolvida a ideia de que há um processo de “proletarização das amplas camadas intermediárias, compreendido aí a ‘nova classe média’ (empregados, funcionários etc.)”. Trotsky desenvolveu na década de 30 uma segunda formulação de “nova classe média”. Ao analisar a luta de classes e as revoluções nos países capitalistas imperialistas na década de 30, em especial a Alemanha e a França, Trotsky sugere a existência de um setor assalariado, a “nova classe média”, que por suas características sociais e políticas não podem ser identificadas como proletariado. Por exemplo, na Alemanha, Trotsky aponta esse setor como base social do fascismo, num campo oposto ao do proletariado. Estas análises políticas vão culminar, no final da década de 30, num prognóstico sobre o desenvolvimento do capitalismo e da dinâmica da “nova classe média”. Estas elaborações se encontram em dois prefácios (do Manifesto Comunista e d’O Capital, escritos em 1937 e 1939, respectivamente).

Savas Michael Matsas

Título: Trotsky's Permanent Revolution in the 21st century

Resumo: Trotsky's reformulation of the theory of the Permanent Revolution in 1905 and its further Trotsky's theory of Permanent Revolution acquires an new strategic importance in the 21st century, particularly in the post-2008 and post Covid 19 world in the post-2008 and post Covid world is crucial for a revolutionary orientation in this inflection point of history.

Simpósio Temático 10

Paul LeBlanc

Título: Trotsky, Krupskaya and the Bolshevik tradition

Resumo: The relationship of Leon Trotsky to the Bolshevik tradition has been both complex and – in more than one way – contested. A contrast has been advanced by his critics between the deeply ingrained collectivism of the Bolshevik tradition and Trotsky's recurrent individualism. Often presented in a distorted manner, this point contains an element of truth. One way to gain insights into these matters is to consider aspects of the relationship he had with Nadezhda Krupskaya. Krupskaya was one of the founders of the Bolshevik tradition, and she was a central figure within it. All too often, she has been perceived as “merely” the companion of Bolshevism's central figure, Vladimir Ilyich Lenin. In fact, she came to this relationship as a Marxist revolutionary in her own right. For decades she had a far more alert and interactive engagement with Lenin, intellectually and politically, than is sometimes acknowledged. She was also an outstanding educator influenced by Leo Tolstoy and John Dewey. After the Bolshevik Revolution, she became part of the new People's Commissariat of Enlightenment (known in the Soviet Republic as Narkompros), headed by Anatoly Lunacharsky, who honestly described Krupskaya as the “soul of Narkompros.” Beyond this, before the 1917 Revolution she had played an essential organizational role within the Bolshevik apparatus, enabling her to help shape this vibrant tradition. This also enabled her – over the years – to provide insightful interpretations of its evolution, enriched by assessments of many of the vibrant people associated with it. Much of this finds reflection in her remarkable memoirs, which exist in two separate English translations: *Memories of Lenin* and *Reminiscences of Lenin*. Additional reflections can be found in some of what she shared with others, including Trotsky himself. Trotsky's relationship with the Bolshevik tradition went through various stages. He was drawn to aspects of the revolutionary political orientation it represented, but early on he was repelled by what he saw as negative organizational dimensions related to the Bolshevik/Menshevik split of 1903. In the midst of the revolutionary upsurge of 1905 there were powerful trends toward a convergence of Trotsky with Bolshevism, although this was reversed in the years following the revolutionary defeat. The cataclysm of the First World War generated new and powerful trends of convergence, and these grew ever stronger in the year 1917, with Trotsky joining the Bolshevik party, playing a key role in the October insurrection, and soon after organizing and leading of the Red Army in defense of the Soviet Republic. Prominent in the upper circles of the Bolsheviks (who soon renamed themselves Communists), from 1917 to 1923, Trotsky was, in the eyes of many, the co-leader with Lenin of the Bolshevik Revolution. Increasingly, from 1923 through 1927, Trotsky challenged what he perceived as a growing bureaucratic-conservatism and anti-democratic functioning within the Russian Communist Party and the governmental apparatus of the Soviet Russia. In the early stages of this struggle, Trotsky highlighted his own close connection with Lenin, while presenting (in *Lessons of October*) a devastating account of the vacillating role played in the revolutionary year of 1917 by two prominent Bolsheviks – Gregory Zinoviev and Lev Kamenev, who were aligned with Joseph Stalin in an anti-Trotsky campaign. Krupskaya was critical of each side, advancing a narrative of the Bolshevik tradition that defended the honor of both Trotsky and the Bolshevik leadership. Within two years she, Zinoviev and Kamenev became aligned with Trotsky in a United Opposition against Stalin's bureaucratic regime – upholding a common understanding of the Bolshevik tradition in their Platform of the Opposition. With the collapse of the United Opposition, Trotsky continued to pay tribute to the revolutionary collectivism of the Bolshevik tradition, but in his retrospective analyses (for example, in his classic memoir *My Life*) he also reverted to what Krupskaya had earlier criticized: the “individualist” dismissal of other prominent Bolsheviks. It may be, however, that Trotsky's weakness proved to be a strength as well – enabling him to better resist, critique, and mobilize against the bureaucratic tyranny associated with what became known as Stalinism.

Morgana Romão

Título: As narrativas sobre o fim da URSS e as contribuições de Leon Trótski

Resumo: O fim da URSS abalou o mundo no início da década de 1990. Apesar de seus problemas estruturais serem amplamente conhecidos, estes referentes à sua falta de transparência política e ao seu planejamento altamente centralizado, a força dos acontecimentos que envolveram o processo de desagregação do chamado “Bloco Soviético” atraiu o olhar dos mais diversos especialistas e ganhou diferentes explicações no caminhar das últimas décadas. A produção bibliográfica dedicada a investigar as causas deste “colapso” é, portanto, bastante diversificada, já que diferentes áreas do saber se debruçaram sobre o mesmo objeto. Nesta apresentação, como uma questão de viabilidade, estas abordagens serão divididas conforme as ênfases que dão sobre os fatores econômicos, políticos e étnico-nacionais. Como uma forma de compreendê-las de uma maneira mais adequada, serão abordadas as raízes teóricas destas perspectivas. Isso possibilitará mostrar, ainda que de maneira sintética e muito panorâmica, as mudanças passadas pela Sovietologia ao longo do pós-Segunda Guerra Mundial. As análises de Leon Trótski sobre o Estado soviético e sobre o Stalinismo proporcionam um caminho mais sofisticado para compreender as causas para o fim do Bloco Soviético, enquanto as abordagens mencionadas carecem de uma análise adequada sobre o Estado e sobre a burocracia. A abordagem proporcionada por Trótski é basilar para esta apresentação, assim como para a pesquisa que ela integra; sobre este prisma é que serão feitas as análises e formuladas as críticas.

Marcio Lauria Monteiro

Título: Revolução política e contrarrevolução: o movimento trotskista internacional e a aplicação da Teoria do Estado Operário Burocratizado ao bloco soviético (1953-91)

Resumo: Passados mais de 100 anos desde a Revolução Soviética e mais de 25 desde o colapso do chamado “bloco soviético” no Leste Europeu (isto é, a URSS e seus “países- satélites”), o debate sobre o que foi a URSS e o legado do regime de Stalin segue em aberto e suscitando acaloradas polêmicas. Uma intervenção central em tal debate é a de Leon Trotski, centrada nos conceitos de “Estado operário” enquanto uma sociedade de transição entre capitalismo e socialismo e de “stalinismo” enquanto uma “reação termidoriana” e um “regime bonapartista” em tal sociedade, transformando em um “Estado operário burocraticamente degenerado”. Junto a tais conceitos articula-se um programa de restauração da democracia proletária através de “revolução política” e de defesa do Estado operário contra formas variadas de “contrarrevolução” (restauração) capitalista. Tais conceitos estão articulados no acabou teórico-programático conhecido como “Teoria do Estado Operário Burocratizado”. Esse, por sua vez, é um dos pilares centrais da Quarta Internacional, sendo reivindicada por muitos dos grupos que dela se originaram ao longo dos anos após a Segunda Guerra Mundial reivindicando-se os verdadeiros representantes do trotskismo. Esta proposta de comunicação é fruto de uma pesquisa de doutorado em História Social em desenvolvimento no PPGH UFF, que tem por objeto a análise das diferentes releituras e aplicações de tal teoria feitas por alguns dos principais “truncos históricos” surgidos do processo de fragmentação da Quarta Internacional frente aos desenvolvimentos-chave da URSS e dos demais países do “bloco soviético” do Leste Europeu entre 1953-93. Tais desenvolvimentos são, sobretudo, as revoltas por democracia socialista nos anos 1950-60, o surgimento e supressão do Solidariedade na Polônia no começo dos anos 1980 e os vários eventos ocorridos a partir de 1985, que culminaram na dissolução da URSS e na restauração do capitalismo no bloco soviético.

Jean Paulo Pereira de Menezes

Título: O conselho de deputados trabalhadores (operários) e a Revolução

Resumo: A partir da tradução de Trotsky buscamos socializar aos camaradas uma publicação que trata da importância dos conselhos de trabalhadores e seu papel na organização da classe. Não é fruto de uma imaginação ou inventividade, mas a constatação do que existia no mundo objetivo, concreto e real. Após o massacre de 1905, na cidade de São Petersburgo, o Domingo Sangrento, a classe trabalhadora russa desenvolve uma arma poderosa de organização e luta contra o czarismo. Esta arma

tornou-se uma ferramenta fundamental como método de organização do futuro Partido Bolchevique e ainda hoje é reivindicada como forma de organização dos trabalhadores na luta contra a burguesia: os Soviets. Em português: os conselhos. Uma forma de organização de vanguarda que foi responsável por criar um ensaio de organização de duplo poder na Rússia czarista e que marca o início, na longa duração, da maior Revolução Socialista até hoje: a Revolução Russa de 1917. O texto de Trotsky está originalmente dividido em VI partes, aqui apresentaremos as duas primeiras partes, todavia, considerando o texto integral sobre a Revolução em 1905.